

Despedida

Vanessa Anacleto

A mana, boba, acordou choramingando. Grudou na barra da saia da vó parecendo uma sombra com cara de velório. Tomamos o café em silêncio e o pai, nem repetiu a broa quentinha com manteiga. Eu comi bastante que tristeza não me enche a barriga. O vô tomou o café preto e puro sem comer nada como fez todos os outros dias. Forte, o vô.

Apertamos no carro outra vez e outra vez a mãe rezou o terço . Desta vez não podia mesmo atrasar porque a passagem já tava comprada e custa caro que só. Chegamos perto do ônibus parecendo que iam tomar injeção. Assim que abriu a porta, um moço de uniforme ajudou o meu pai a colocar as malas lá dentro. Enquanto isso ganhamos uns abraços muito mais apertados que no dia da chegada, uns beijos doces da vó e sacudidelas do vô, sempre repetindo que tava tudo uma beleza.

Eles entraram e logo eu achei o lugar onde iam sentar. Ficamos parados ali embaixo da janela até o ônibus ser ligado bem devagarinho. Enquanto eles iam embora, senti uma dor no ombro e vi que o pai me apertava e acenava sorrindo sem parar. Quando o ônibus foi embora e virei pra entender o motivo do apertão, vi o pai chorando. Assustei porque foi a primeira vez. A mãe explicou que saudade dá em pai também e se não chorar, explode. Não quero que o pai exploda então não ligo se o pai chorar, não. Ainda mais que ele prometeu ir ver os velhos no natal.

Obra original disponível em:

<http://www.overmundo.com.br/banco/despedita-6>